

Artigo

AS MULHERES E O MOVIMENTO ABOLICIONISTA: PARTICIPAÇÃO E ENGAJAMENTO (RECIFE, 1880-1888).

Por Maria Emilia Vasconcelos dos Santos
e Jacilene de Lima Leandro

RESUMO: O objetivo de nosso texto é iniciar uma reflexão acerca da participação feminina no movimento abolicionista em Recife, entre os anos de 1880 a 1888. Além disso, objetivamos identificar as formas de atuação das mulheres engajadas na luta pelo fim da escravidão, a exemplo das associadas à Ave Libertas, principal sociedade feminina na província de Pernambuco. Para tanto, utilizaremos como fontes para localizar a participação feminina nas ações antiescravistas na capital pernambucana: o livro de Pereira da Costa intitulado “Pernambuco ao Ceará: o dia 25 de março de 1884” o qual é uma compilação de jornais pernambucanos sobre a Abolição no Ceará em 1884, como também outros jornais que divulgaram ações das militantes abolicionistas. Do ponto de vista metodológico elaboramos tabelas onde elencamos informações que nos permitam acessar as sociabilidades da militância abolicionista feminina nos jornais. Pudemos coletar os seguintes dados: nomes, grau de parentesco com outras pessoas descritas na documentação, eventos de protesto (ações e estratégias de militância).

Palavras Chaves: Mulheres no século XIX, Abolição da escravidão, Mulheres abolicionistas.

Introdução

O presente texto buscou iniciar uma discussão acerca da atuação de mulheres no processo abolicionista, tema que nos últimos anos, mesmo com uma quantidade considerável de estudos sobre suas especificidades, apresenta lacunas em relação a questão de gênero. Esse fator incentivou a investigação, que discute a atuação de mulheres na cidade do Recife, entre os anos de 1880 e 1888, e suas contribuições para o movimento abolicionista.

É interessante observamos que a década

de 1880 ampliou o debate sobre a “transição” do trabalho escravo para o livre extravasando as barreiras da política parlamentar e vindo a ocupar os espaços públicos com a fundação de associações abolicionistas, inclusive, sociedades compostas por mulheres.

O processo investigativo se deu objetivando a identificação dessas mulheres, para que fosse possível definir características do engajamento feminino nas ações abolicionistas, seja com atuações de mulheres institucionalizadas ou não. Observando assim, como essas militantes colaboraram para o ativismo nos anos finais do século XIX.

Para essas identificações, o trabalho se voltou para o levantamento de nomes femininos, presentes em jornais que noticiavam atividades antiescravistas. Nos debruçamos sob o livro – Pernambuco ao Ceará – que é uma edição comemorativa sobre a abolição no Ceará ocorrida em 25 de março de 1884, organizada pelo intelectual Francisco Augusto Pereira da Costa, ou simplesmente Pereira da Costa, e corresponde a uma compilação de periódicos recifenses acerca das ações e festividades realizadas na cidade nesse ano. A intenção da publicação era repercutir os feitos cearenses e incentivar o engajamento de novos militantes à causa. Nos registros encontramos muitas citações sobre a maior sociedade abolicionista feminina da província pernambucana, nomeada de Ave Libertas, que atuou ativamente, com diversos eventos, ações e inclusive concessão de cartas de alforria, a qual se mostrou bastante influente politicamente, durante o período de desempenho de suas atividades, e muitos dos nomes de mulheres encontrados nesta pesquisa estavam relacionados à esta instituição.

A Ave Libertas teria iniciado suas atividades em 1884, junto com muitas outras vitórias do movimento abolicionista desse ano, que incentivaram ainda mais a luta, como a emancipação do Ceará, que provavelmente encorajou essa iniciativa das recifenses. Alguns dos nomes mais recorrentes nos registros sobre essa sociedade foram: D. Odila Pompilio, D. Maria Albertina Pereira do Rego e D. Leonor Porto.

Essas mulheres já atuavam em ações antiescravistas, e ajudaram a consolidar a ideia da associação Ave Libertas, como encontramos nos jornais. Os periódicos são as principais fontes da nossa pesquisa pois, contém vestígios sobre as mulheres no movimento

abolicionista, que são limitadas, pois mesmo tendo indícios do engajamento feminino, é pequena a disponibilidade de documentos que apresentem as ações femininas produzidas por elas mesmas. Desse modo, podemos apreender também como a sociedade pernambucana em fins do século XIX organizou e perpetuou hierarquias sociais e de gênero.

O 25 DE MARÇO DE 1884 – PROPAGANDA ABOLICIONISTA E PARTICIPAÇÃO FEMININA

A pesquisa ainda em curso iniciou a identificação de mulheres que participaram do movimento abolicionista pela via institucional – as associações abolicionistas – ou no que denominamos de mulheres em movimento. Isso significa dizer que, também registramos em nossa listagem mulheres que não pertencem às sociedades abolicionistas, mas, que de alguma forma demonstraram a sua adesão às lutas pelo fim da escravidão. O apoio pode ser asseverado por terem escrito saudações, poemas, músicas ou até mesmo por libertarem seus cativos. Localizamos algumas mulheres, em um primeiro momento, através da publicação produzida por Pereira da Costa¹ intitulada: “Pernambuco ao Ceará: O dia 25 de março de 1884”.²

Francisco Augusto Pereira da Costa for-

¹ Francisco Augusto Pereira da Costa foi um grande estudioso Pernambucano, sendo considerado, historiador, biógrafo, folclorista e jornalista. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro de academias e diplomado em direito. GASPARG, Lúcia. “Pereira da Costa”. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=630 Acesso em: 22 mar. 2019.

² PEREIRA DA COSTA, F. A. Pernambuco ao Ceará: O dia 25 de Março de 1884. Recife, Typographia Central, 1884. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco - Obras Raras.

mou-se pela Faculdade de Direito do Recife e assumiu diversos cargos importantes. Atuou como secretário dos Governos de Pernambuco e do Piauí e, como membro do Conselho Municipal do Recife. Em 1901 foi eleito, deputado estadual por Pernambuco função que exerceu por 8 mandatos seguidos. Ele escreveu diversas obras literárias,³ sendo inclusive fundador da Academia pernambucana de Letras, os seus escritos versavam maiormente acerca da história das províncias do Nordeste. Trabalhou também na área do jornalismo contribuindo com o Jornal Diário de Pernambuco, além de ser membro e receber o título de sócio benemérito do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano⁴ lugar privilegiado da produção historiográfica no Brasil oitocentista.

Pereira da Costa tinha a intenção de produzir um registro, uma memória dos fatos que envolviam o processo de abolição na província pernambucana seguindo os moldes dos letrados de meados do século XIX e início do século XX, com um interesse acentuado pela coleta de documentos.⁵ Ele também era simpatizante das questões relacionadas à liberdade dos cativos. Em um dos jornais presentes, no livro de sua autoria acima referido, aparece ele e sua família como adeptos da causa abolicionista.

Prosseguindo na nossa análise, realizamos a busca de nomes de mulheres que defendiam o fim do cativeiro, no livro de Pereira da Costa de 1884, dedicado às comemorações pelo fim da escravidão no Ceará. A referida obra apresenta descrições das festas e atividades.³ Produziu 58 obras além dos 10 volumes dos Anais Pernambucanos.

⁴ GASPAR, Lúcia. "Pereira da Costa". Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

⁵ TEIXEIRA, 2011.

dades realizadas em Pernambuco a partir de alguns jornais do dia 25 de março de 1884. Vale destacar que alguns desses jornais não estão mais acessíveis para consulta no Arquivo Público do Estado de Pernambuco dado a degradação dos mesmos. Como também não foram microfilmados pela Fundação Joaquim Nabuco e nem digitalizados para compor o repositório digital da Biblioteca Nacional.

O livro possui mais de 300 páginas que apresentam marcas provenientes da ação do tempo e do manuseio. O compêndio foi publicado há mais de 130 anos por isso, muitas páginas, devido a acidez do papel, estão manchadas ou quebradas tornando a leitura difícil ou mesmo impossível em alguns casos. Procedemos a leitura de toda a obra para criar uma tabela com um conjunto de informações que nos permitisse rastrear a atuação das mulheres junto ao movimento abolicionista em Pernambuco.⁶

Encontramos e listamos mais de 100 nomes de mulheres, nas edições dos jornais: O Rebate, O incentivo, O Echo de Palmares, O Termometro, O Ceará Livre e o folheto Ave Libertas, presente na obra de Pereira da Costa.⁷ A circulação das ideias e das práticas dos abolicionistas se dava, notadamente, pelos meios de comunicação, como a propaganda mais tradicional, através de jornais, opúsculos e livros. Os jornais nos anos 1880, passaram a ser o principal espaço de propaganda abolicionista, o movimento aproveitou as transformações de comunicação que estavam se operando no império,⁸ fazendo dos periódicos o

⁶ Itens da tabela: nome, ocupação, cidade natal, atuação (ações e estratégias de militância), parentesco, grupo/associação, data, jornal e referência na obra.

⁷ PEREIRA DA COSTA, F. A. Pernambuco ao Ceará: O dia 25 de Março de 1884. Recife, Typographia Central, 1884. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco - Obras Raras.

⁸ MACHADO, 2003.

meio de mobilização, para organizar eventos e anunciar feitos.

As folhas jornalísticas presentes no livro de Pereira da Costa tratavam, primordialmente, do acontecimento de março de 25 de março de 1884. Data que no império se comemorava a Constituição de 1824, um dos três feriados nacionais existentes à época, mas, que a partir do ano de 1884 fez-se um esforço de construir discursivamente uma celebração abolicionista e marcar o dia com o simbolismo da liberdade, por ser o dia que se aboliu a escravidão no Ceará. O ano de 1884 foi bastante movimentado e tenso com mais dois eventos que se relacionam às lutas antiescravistas: o congresso dos produtores de cana escravistas realizado em julho do referido ano e as eleições de 1884 ocorridas entre os meses de outubro e dezembro, conhecida como a campanha abolicionista do Recife.⁹ Os dois eventos foram aguçados pelo episódio da Abolição da escravidão do Ceará e dinamizaram o ativismo antiescravista e pró-escravismo no Recife de meados do século XIX.

As celebrações do 25 de março de 1884 foram um divisor de águas no engajamento abolicionista reunindo na capital pernambucana homens e mulheres que participaram de passeatas e assistiram a recitais, discursos, entregas de cartas de alforrias e atrações musicais. Esses eventos públicos abriram espaço para ampliar o perfil das pessoas envolvidas no movimento abolicionista que assumiu um caráter mais popular com operários, trabalhadores do comércio, libertos e com destacada adesão feminina. Segundo Celso Castilho,¹⁰ a inclusão das mulheres nas manifestações políticas e de opinião pública foi uma novidade que fomentou e expressou uma agenda ali-

nhada ao pensamento democrático.

MULHERES E SOCIABILIDADES ABOLICIONISTAS NO RECIFE

Durante a segunda metade do século XIX e, fundamentalmente nas últimas décadas da centúria, a participação política das mulheres no espaço público ficou mais evidente. A construção dos espaços modernos de sociabilidade política foi sendo forjado no Recife junto as jornadas abolicionistas do começo da década de 1880.

O voto só mais a frente incluiu a participação das mulheres nas esferas formais do estado, entretanto, não implicou na ausência delas no campo das ações políticas que tomaram as sociedades femininas privadas o espaço, por excelência, da atuação pública junto ou substituindo o estado na resolução de problemas sociais.

O protagonismo de mulheres na campanha abolicionista foi notório em várias cidades do país, contudo, esse ativismo não se configurou nos termos dos movimentos feministas do século XX. Segundo Angela Alonso a participação das militantes abolicionistas se deu com:

“A hierarquia de gênero, marcadíssima na sociedade imperial, irrompia no movimento com juízos moralistas de certos ativistas. Porém, ao envolver mulheres e crianças, o movimento atacou a escravidão onde ela era tão forte quanto silenciosa, em casa. Politizou a vida privada.”¹¹

A participação nos debates nacionais por parte das mulheres se deu pela atuação em espaços formais e informais, alguns de ca-

⁹ CASTILHO, 2011.

¹⁰ CASTILHO, 2016.

¹¹ ALONSO, Angela. A teatralização da política: a propaganda abolicionista. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, v. 24, n. 2, 2012, p.117.

ráter popular e outros voltados aos grupos burgueses como confrarias religiosas, sociedades literárias e entidades filantrópicas. As 100 mulheres encontradas no livro “Pernambuco ao Ceará” adotaram diferentes formas de inserção nos assuntos ligados ao fim do escravismo no país como: alforriar seus cativos, produzir panfletos para sessões literárias, elaborar desenhos, escrever saudações ao dia 25 de março e poemas em homenagem ao Ceará Livre. Tais ações exigiam acesso à propriedade e a instrução, ou seja, são formas de atuar politicamente relacionadas às vivências dos grupos abastados. Já outras atividades como bazares, peças de teatro, passeatas a “primeira do tipo a realizar-se na capital da província de Pernambuco” foi organizada para comemorar a abolição no Ceará e uma “celebração ao ar livre na praça central”. Tais atividades franqueavam às mulheres de diversas classes sociais uma participação mais ampla em espaços de sociabilidades políticas e na arena pública.¹²

Partimos então para a investigação das mulheres a partir dos seus nomes, como indicado no método biográfico, para nos permitir ir em busca de mais informações sobre a vida dessas mulheres. Para Ginzburg, buscar nas fontes o nome de alguém possibilita-nos reconstruir trajetórias sociais em que os indivíduos estiveram inseridos.¹³

Localizamos mães e filhas como Julia Apollinaria Pereira da Costa, Senhorinha Pereira da Costa, Maria José Pereira da Costa; modistas como Leonor Porto, professoras como Maria Amélia de Queiroz e a tradutora Esmeraldina Espiuca filha do ator e abolicionista Thomaz Espiuca; as quais a partir de suas práticas e colocações fomentaram a discussão sobre o pa-

pel das mulheres para o progresso da nação.¹⁴ As suas identidades estavam atravessadas, maiormente, por marcadores da religiosidade católica, da honra, da escolarização, da honra e da domesticidade. Para fazer política acabaram por ocupar espaços segmentados de poder como, a tarefa de assumir o cuidado com os setores considerados menos favorecidos – em nosso caso específico de análise a atenção aos libertos, ingênuos e com a libertação dos escravizados – norteando suas ações pela simbologia de esposa e de mãe. Ainda que a identidade de gênero lhes imputasse o papel de guardiãs do lar, algumas delas romperam as barreiras do mundo político e tiveram participação ativa no movimento abolicionista, chegando a ocupar o posto de presidente de sociedades abolicionistas e de proferir conferências públicas.

Segundo Angela Alonso as três principais portas de entrada das mulheres no abolicionismo ocorreu pelo exercício da filantropia e das causas beneméritas; pelos vínculos familiares a homens notáveis – marido, pai, irmão, cunhado abolicionista ou na condição de artistas – atrizes, cantoras ou escritoras.¹⁵

De posse de alguns nomes de mulheres engajadas na causa abolicionista pesquisamos no acervo digital da Biblioteca nacional, que tem um mecanismo de busca que nos permite através de palavras-chave percorrer diversos periódicos, separados por décadas e locais. As buscas foram realizadas entre os anos de 1880 e 1889, em todos os periódicos pernambucanos que apresentassem ocorrências para o nome pesquisado. Conseguimos encontrar muitas matérias com os nomes das senhoras,

¹² CASTILHO, 2011, p.3.

¹³ GINZBURG, 1989.

¹⁴ PEREIRA DA COSTA, F. A. Pernambuco ao Ceará: O dia 25 de Março de 1884. Recife, Typographia Central, 1884. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco - Obras Raras.

¹⁵ ALONSO, 2012, p.116.

a maioria com dezenas de ocorrências por jornal. Os periódicos que mais apresentaram informações foram: Jornal de Recife e Diário de Pernambuco, além do folheto Ave Libertas que apesar de ter apenas uma edição, em 1885, é bem direcionado ao nosso tema.

Uma das personagens que se sobressaiu na pesquisa, foi a Dona Leonor Porto, a qual aparece em centenas de registros. Foi uma mulher muito influente na cidade do Recife¹⁶ onde exerceu o ofício de modista além de, abolicionista.¹⁷ Fez parte do Clube do Cupim, do qual foi a primeira presidente, junto a João Ramos, José Mariano e Joaquim Nabuco. Foi uma das fundadoras da sociedade de mulheres abolicionistas Ave Libertas, fundada em 20 de abril de 1884. Essa sociedade utilizou de meios legais para promover o fim da escravidão: realizaram bazares, campanha de coleta de fundos para alforriar cativos e conferências que eram canais de propaganda de suas ideias e serviram de estímulo para algumas mulheres atuarem junto ao movimento abolicionista.

Outro importante nome encontrado em nosso primeiro levantamento é, o da senhora Maria Albertina Pereira do Rego, que leu o discurso inicial da reunião da Ave Libertas. Ela

¹⁶ VAINSECHER, Samira Adler. Leonor Porto, 2019. http://www.caestamosnos.org/sebo/Semirapesquisas/pesquisa_semira_adler_Leonor_Porto.htm Diário de Pernambuco, 15 de maio de 1988. CERQUEIRA, Jacques. Abolição: 100 anos - Festejos abolicionistas resgatam luta da incansável Leonor Porto.

¹⁷ O reconhecimento da atuação da fundadora da Ave Libertas era tamanho que um clube formado por senhoras adotou a designação “Leonor Porto”. A referida associação desfilou, no dia 19 de maio de 1888, pelas principais ruas de Cachoeira e São Félix no Recôncavo baiano, portando um “retrato da heroína pernambucana”. COSTA, Manuela Areias. O “Maestro da Abolição” no Recôncavo baiano: abolicionismo e memória nas músicas e crônicas de Manuel Tranquilino Bastos (Cachoeira - BA, 1884-1920). 2016. Tese (Doutorado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, p.173

também aparece diversas vezes nos jornais consultados. Nas ocorrências encontradas, a referida senhora estava sempre engajada em divulgar as reuniões da sociedade, a qual foi 1ª secretária. Encontramos apenas 2 matérias de cunho pessoal, uma anunciando a celebração de aniversário de morte de sua mãe D. Maria Jorge de Menezes, o anúncio foi assinado junto com seu irmão Jacintho Pereira do Rego e seu pai que era engenheiro, Ricardo de Menezes.¹⁸ A outra publicação pessoal de M. Albertina P. do Rego foi sobre sua proclama de Casamento com o Bacharel Francisco Phaelante da Camara Lima que fora associado ao Club Ceará Livre.¹⁹

Outra senhora abolicionista que esteve entre as mulheres da diretoria da Ave Libertas, foi D. Odila Pompilio, que foi interinamente presidente da associação²⁰ e posteriormente foi eleita 1ª secretária, as dezenas de ocorrências que apresentam o nome desta senhora, estavam na maioria das vezes relacionados à Ave Libertas, e outras versam sobre suas participações em Assembleias provinciais. D. Odila Pompilio se mostrou bastante engajada na política, participando inclusive de outros Clubes.

A breve passagem pela trajetória de algumas militantes nos revela que essas mulheres colaboraram de diversas e importantes maneiras nos rumos da causa abolicionista. Odila Pompilio é uma das senhoras que escreveu e discursou, em verso e prosa, em publicações e reuniões, como podemos ver este texto do folheto da Ave libertas:

¹⁸ Diário de Pernambuco, Quarta-feira, 29 de Junho de 1887, p.6. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital.

¹⁹ Jornal do Recife, Terça-feira, 24 de Janeiro de 1888, p.2. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital.

²⁰ Jornal do Recife, Sábado 26 de Abril de 1884. Publicações Solicitadas, 1884, p.2. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital.

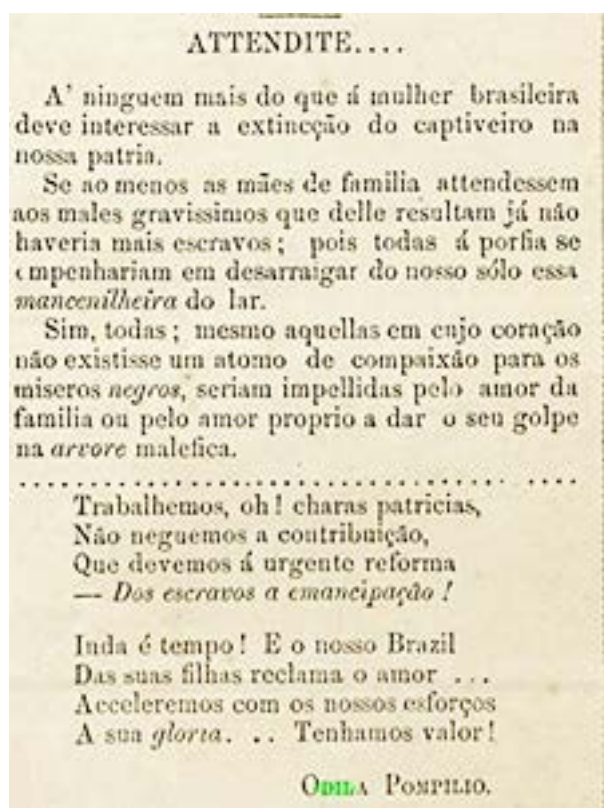


Figura 1 – Poema de Odila Pompilio²¹

O folheto em questão, que apresenta apenas 4 páginas, é constituído por textos assinados exclusivamente por mulheres (ou pelo menos assinados com nomes femininos), documento importante para nossa pesquisa, pois mostra as ideias dessas mulheres escritas por elas mesmas. O texto de Odila Pompilio, mostra que essas mulheres buscavam atuar para além do espaço doméstico e o faziam utilizando premissas que refletiam concepções de feminilidade dominantes à época, como a de “mães de família”.

Como observou Fabiana Francisca Macena²² em sua tese, muitas das mulheres que atuaram na luta antiescravista e participaram do espaço público, seja sob signos da domesticidade ou não, como as associadas à Ave Libertas, são, infelizmente, ignoradas na escrita da história. A memória que se perpetuou

sobre o abolicionismo foi resumida aos líderes homens de maior projeção, que foram homenageados com nomes de ruas e de passeios públicos. Entretanto, não se pode negar que as ações femininas ajudaram a popularizar o abolicionismo e a acelerar a marcha pelo fim da escravidão. Nos registros dos jornais, até agora consultados, sinalizam como eram vigorosas as mobilizações do movimento abolicionista capitaneadas por mulheres na província pernambucana.

A historiografia da abolição começou a ser escrita pelos próprios abolicionistas, e assim como a imprensa foi terreno, por excelência, masculino. Segundo Fabiana Francisca Macena essa escrita da história “reafirma o afastamento das mulheres da cena pública, desautorizando e ignorando suas ações políticas, silenciando sobre suas presenças e protagonismos históricos”.²³ Nossa busca por evidências concretas das ações femininas na luta antiescravista, é para justamente colocar nas interpretações do abolicionismo a presença efetiva das mulheres.

Desse modo, esperamos com nosso trabalho contribuir para a construção de narrativas históricas em que às mulheres que lutaram nos movimentos abolicionistas sejam reconhecidas e tenham as suas experiências de engajamento político visibilizadas.

Maria Emilia Vasconcelos dos Santos é Doutora em História Social da Cultura, professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Jacilene de Lima Leandro é Graduanda em História, aluna da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

²¹ Fonte: AVE LIBERTAS, 08 de Setembro de 1885, Ed. 1, p. 3. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital.

²² MACENA, 2015.

²³ MACENA, 2015. p.16.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, Angela. **O abolicionismo como movimento social. Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 100, p. 115-137, nov. 2014.
- ALONSO, Angela. **A teatralização da política: a propaganda abolicionista**. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, v. 24, n. 2, 2012.
- ALONSO, Angela. **Associativismo avant la lettre – as sociedades pela abolição da escravidão no Brasil oitocentista**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 166-169, set./dez. 2011.
- AZEVEDO, Elciene. **Orfeu da carapinha – a trajetória de Luís Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas, SP: Unicamp/CECULT, 1999.
- BERSTEIN, Serge. **A cultura política**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Escravidão e Abolição no Brasil: novas perspectivas**. Rio de Janeiro, 1988.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **O Quinto Século**. André Rebouças e a Construção do Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM/Revan, 1988.
- CASTILHO, Celso. **O '25 de março' e a radicalização dos embates abolicionistas no Recife**. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.
- CASTILHO, Celso.; COWLING, Camillia. **Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil**. *Afro-Ásia*, Bahia, n. 47, p. 161-197, 2013.
- CASTILHO, Celso Thomas. **Slave Emancipation and Transformations in Brazilian Political Citizenship**. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2016.
- COSTA, Manuela Areias. **O “Maestro da Abolição” no Recôncavo baiano: abolicionismo e memória nas músicas e crônicas de Manuel Tranquilino Bastos (Cachoeira - BA, 1884-1920)**. 2016. Tese (Doutorado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- FERREIRA, L. G. et al. **Suaves Amazonas: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste**. Recife: Editora da UFPE, 1999.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MACENA, Fabiana Francisca. **Outras faces do abolicionismo em Minas Gerais: rebeldia escrava e ativismo de mulheres (1850-1888)**. Tese de doutorado em História, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.
- SANTOS, Maria Emilia Vasconcelos dos. **Antes do 13 de maio: o 25 de março no Ceará e o movimento abolicionista em Pernambuco**. *Afro-Ásia*, Bahia, n. 53, p. 149-183, 2016.
- SHARP, Jim. **A História Vista de Baixo**. In: Peter Burke. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- SILVA, Ana Carolina Feracin da. **De “papa-pecúlios” a tigre da abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX**, 2006.
- SILVA, Leonardo Dantas. **A Abolição em Pernambuco**. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1988.
- TEIXEIRA, Tássia V. Brandão. F. A. **Pereira da Costa e o Folklore pernambucano: Escritas da História**. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum – Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.